

A representação dos pracinhas gaúchos através da análise de seus lugares de memória

The representation of the gauchos pracinhas through the analysis of their places of memory

Jéssica Elen Silveira Pires¹
Andrea Helena Petry Rahmeier²

Resumo: O trabalho aborda a análise/descrição de quatro lugares de memória em que o combatente gaúcho da Segunda Guerra Mundial encontra-se simbolicamente representado (Museu da FEB – Caxias do Sul – RS; Associação de Veteranos da FEB (ANVEFEB) e Monumento do Arco do Triunfo, ambos situados em Porto Alegre – RS; e Praça do Expedicionário – Parobé – RS). Consideramos uma abordagem qualitativo-descritiva de fontes primárias (autobiografias, iconografias, monumentos), como também fontes secundárias (periódicos e estudos já alicerçados sobre a temática). Utilizou-se o conceito de *lugares de memória* estruturado por Pierre Nora (1993) e de *representação* por Roger Chartier (1991). A partir do estudo, destacou-se a importância desses locais para a ressignificação e o não esquecimento da Força Expedicionária Brasileira (FEB); com ênfase na participação de combatentes gaúchos.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira. FEB. Lugares de Memória. Representação.

Abstract: The work addresses the analysis/description of four places of memory in which the Rio Grande do Sul fighter from the Second World War is symbolically represented (FEB Museum – Caxias do Sul – RS; FEB Veterans Association (ANVEFEB) and Arco do Triunfo Monument, both located in Porto Alegre – RS; and Praça do Expedicionario – Parobé – RS). We consider a qualitative descriptive approach of primary sources (autobiographies, iconographies, monuments), as well as secondary sources (periodicals and studies already based on the theme). The concept of memory places structured by Pierre Nora (1993) and representation by Roger Chartier (1991) were used. From the study, the importance of these places for the redefinition and not forgetting of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) was highlighted; with an emphasis on the participation of fighters from Rio Grande do Sul.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force. FEB. Places of Memory, Representation.

¹ Graduada em História pela Faculdade Integrada de Taquara (Faccat). Pós-Graduada *Lato Sensu* em Ensino Religioso pela Faculdade de Educação São Luís. *E-mail:* jessicapires@sou.faccat.br.

² Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora e coordenadora do curso de História da Faculdade Integrada de Taquara Faccat. *E-mail:* andrearahmeier@faccat.br

Introdução

O presente artigo propõe descrever os lugares de memória e, conseqüentemente, a representação do combatente sul-rio-grandense que participou da Segunda Guerra Mundial, tanto no período do pós-guerra quanto nos dias atuais. Sendo assim, torna-se oportuno destacar que, no intuito de responder a essa proposta, utilizamos, como fio condutor, distintas fontes primárias – lugares de memória, iconografias, gênero biográfico e fontes secundárias –periódicos, assim como referências bibliográficas que auxiliaram no processo de cruzamento de informações.

Considerando o enfoque da pesquisa, é importante abrir espaço para algumas considerações e reflexões teóricas. Sendo assim, buscou-se uma abordagem analítica dos lugares de memória pensados pelo teórico Pierre Nora (1993). Para o estudioso a aceleração do tempo, quando os acontecimentos passam pela vida de forma muito rápida, geram um sentimento de perda e de esquecimento, por isso os lugares de memória são referenciais de identidade, que permitem a lembrança, o ato de recordar e de se sentir pertencente a algo. Nesse contexto, enquadram-se a praça do Expedicionário com um Monumento em homenagem à FEB, localizado na cidade de Parobé – RS; o Museu da FEB em Caxias do – RS; a Associação Nacional de Veteranos da FEB/Seção Porto Alegre – RS e o Monumento Arco do Triunfo, situado no Parque da Redenção, também em Porto Alegre – RS. As informações sobre esses monumentos foram coletadas no ano de 2017, assim como a realização de sua análise-parte integrante de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A partir dos lugares de memória, tem-se um segundo elemento que torna simbólico esses espaços: a representação. Para Roger Chartier (1991) a representação foi e é um precioso apoio para assimilar e articular as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social. As operações de representatividade produzem configurações para perceber a realidade, uma prática que visa a reconhecer uma identidade social, tornando significativa uma categoria. Sendo assim, para efeitos do presente artigo, destacamos a indissociação dos conceitos lugares de memória e representação.

Desde fins de 1980, ocorreu, no Brasil, um processo de renovação, ampliação e sofisticação de conceitos históricos. Inúmeras temáticas passaram a ser objeto de estudos e é com o fortalecimento da História Cultural¹ que o novo aporte analítico dos periódicos passa a ser cada vez mais utilizado, auxiliando a pesquisa e se tornando um documento-fonte² (LUCA, 2010). Nesse sentido, ao direcionarmos

a atenção para os monumentos, percebe-se que todos têm sua história. Então, recorreremos aos periódicos (fonte secundária) da época de criação de cada um desses espaços, para compreender um pouco mais da história e da representação simbólica de cada um.

Não menos importante, utilizou-se, para a construção do trabalho, o texto de Alaripio Justo (2004), que foi uma autobiografia, por isso, o gênero biográfico será outra fonte a ser considerada. Mesmo concernente às discussões historiográficas que envolvem esse método (pois, durante muito tempo, acreditou-se que havia um abismo muito grande entre história e biografia, visto que era presente a insegurança e a fragilidade diante do problema da verdade da narrativa biográfica), a partir dos *Annales* veio a renovação do gênero. Pierre Bourdieu (2006), destaca as redes de relações nas quais a biografia se insere e como ela pode ser um importante intermediário na construção da história. Através das fontes biográficas e, conseqüentemente, da memória de um indivíduo, o historiador obtém vestígios para reconstruir acontecimentos, ou mesmo desconstruir ideias ou crenças preestabelecidas, reescrevendo determinado fato histórico por meio de novas fontes e, principalmente, com novos olhares.

A iconografia também serviu de fio condutor para o diálogo do trabalho. A partir de sua utilização, considerada por Eduardo França Paiva (2006, p. 17) como uma fonte das mais ricas, compreende-se todo “o contexto no qual ela foi concebida, idealizada ou mesmo inventada”.

Seguindo tais considerações teóricas/metodológicas, realizamos uma série de cruzamentos de informações com o que já se tem historicamente consolidado sobre a temática. Agora, iremos nos ater à proposta do artigo.

Monumentalização e representação do pracinha “Gaúcho”

Conforme aponta Cássio dos Santos Tomaim, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a memória da FEB foi submetida a constantes atualizações ao longo dos anos, “[...] entrincheirada no tempo, ora silenciada, ora instrumentalizada, ora combatida, ora esquecida tanto pelo Estado quanto pela sociedade civil” (TOMAIM, 2011, p. 1).

A consolidação, apropriação e desconstrução das características da FEB e dos ex-combatentes brasileiros foram marcadas por quatro fases distintas. A primeira delas, nomeada por Tomaim (2011) de “memória enquadrada” (1944/1945),

período em que a atuação dos expedicionários no próprio conflito e logo nos primeiros anos do pós-guerra estava relacionada a um “guerreiro improvisado” que, mesmo diante das vicissitudes e das frustradas tentativas iniciais de conquistar o Monte Castelo,³ tornaram-se heróis. Os sofrimentos dos soldados brasileiros e a morte de seus companheiros eram meramente mais um dado que compunha a narrativa glorificante da FEB. Essa heroização se estendeu por pouco tempo no pós-guerra, logo as queixas por parte dos combatentes se tornaram frequentes.

A segunda fase correspondeu à “memória emprestada” (1960/1970), baseada nos anos que seguiram o fim da guerra. As experiências dos ex-combatentes foram sendo deixadas de lado, esquecidas porque tanto o Estado quanto a sociedade civil não se interessavam mais pela FEB. Com o golpe militar de 1964, consolidou-se a imagem de que a FEB e as Forças Armadas compartilhavam uma mesma identidade. Relacionava-se à luta dos combatentes febianos contra o nazismo e à luta interna dos militares contra o comunismo (TOMAIM, 2011).

Para o já referido historiador (2011), essa aproximação da FEB e das Forças Armadas nas décadas de 60 e 70 tornou a memória da FEB e dos ex-combatentes um alvo fácil. Nesse momento, a memória emprestada passava para a fase da “memória atacada” (1980), em que alguns jornalistas, artistas, intelectuais, historiadores, entre outros, geriram um antimilitarismo na primeira década de redemocratização do Brasil. O alvo era as Forças Armadas, em especial o Exército, mas, para isso, atacaram a memória da FEB, associando-os aos militares que estavam no poder.

A última fase de consolidação da memória e, conseqüentemente, a representação da FEB ocorreu nos anos de 1990-2000, a chamada “memória de combate”. O momento sinalizou o “[...] aparecimento de trabalhos de uma nova geração de historiadores comprometidos com a memória da FEB, procurando revelar mais os aspectos humanos desses brasileiros que foram enviados para lutar na Itália” (TOMAIM, 2011, p. 7). Dissociou-se da imagem da FEB com o Exército e, assim, da Ditadura Militar, preferindo uma leitura mais centrada na figura e nas histórias particulares dos ex-combatentes.

Mesmo seguindo a análise interpretativa de Tomaim (2011), é preciso relativizar sua divisão cronológica de representação, visto não considerar que as mudanças foram abruptas. Embora, atualmente, estejamos em um contexto em que a memória e a representação dos soldados brasileiros estejam em combate contra o esquecimento, não se pode desconsiderar, por exemplo, que sua memória também se encontre enquadrada em grupos específicos (como os agentes que

participaram de forma direta ou indireta do conflito e de um grupo ainda limitado de historiadores, estando distante de uma memória coletiva). Também nos dias atuais, a súbita valorização/desvalorização dos militares por questões políticas atuais vinculados ao governo de Bolsonaro, mostra-nos o percurso que por tais características perpassa e se entrecruzam em períodos dissímeis.

Após esse panorama, em que se pode analisar como a memória e, conseqüentemente, a representação do soldado febiano foi mutável ao longo dos anos, trazemos alguns elementos que corroboram tal análise interpretativa. No início de 1945, a visão heroica dos Pracinhas⁴ prevaleceu por pouco tempo. Sobre isso, o combatente gaúcho Alarípio Justo (2004) destaca:

Era 23 de dezembro de 1945, quando o navio Duque de Caxias atracou no Porto do Rio de Janeiro trazendo de volta alguns da guerra. Muitos heróis lá ficaram repousando nos campos de batalha no além-mar. Os aplausos do povo carioca pareciam não ter mais fim quando desfilamos pela Avenida Rio Branco pensando em nossa Pátria. Alguns pensavam que as promessas que foram prometidas estariam em vigor. Somente mais tarde vimos que isso não aconteceu. Tudo ficou esquecido. Os nossos pracinhas não foram reconhecidos como deveriam ter sido [...]. No final do desfile a pista foi invadida pelos pais e todos os parentes dos pracinhas, os quais queriam saber notícias e rever seus bravos filhos, mas muitos não retornaram. Choros e lamentos eram ouvidos pela Avenida Rio Branco que assistia às lágrimas escorrendo pelos rostos das mães e dos parentes daqueles que não voltaram. Por outro lado, a alegria daqueles que encontraram os seus filhos era notada com muita emoção, pois tiveram os seus nos braços, beijando-os carinhosamente (JUSTO, 2004, p. 51).

Em sua narrativa, o Seu Alarípio Justo destaca a trajetória que passou após o retorno da Itália. Ele descreve que ficou poucos dias no Rio de Janeiro, sendo direcionado de trem até São Paulo, e deste até Santa Catarina, seguidamente partindo para Porto Alegre. Após alguns dias, retornou para Torres, onde, ao “[...] chegar na casa de meus pais fui recebido com uma festa que havia sido preparada para minha chegada. Foguetes e morteiros eram ouvidos por todos os lados” (JUSTO, 2004, p. 54).

Justo teria passado dois meses em Torres, retornando para Porto Alegre após esse período. Passados alguns anos, retornou à cidade natal. Bastante doente, foi levado ao Hospital de Guarnição de Porto Alegre (HGPA), onde ficou internado por quatro anos, sendo uma baixa por ano, sempre com neurose de guerra e problemas no pulmão. Retornou à sua terra natal, porém seus pais não existiam mais. Por fim, recolheu-se a uma velha tapera, conhecida como Casa de Pedra (JUSTO, 2004). Na descrição, verifica-se um transcurso que vai da euforia ao esquecimento. Enfatizam-se, também, as distintas fases em que a memória e a representação do pracinha brasileiro e, aqui, no caso, do pracinha sul-rio-grandense Alarípio Justo foram se modelando em distintos períodos históricos.

A exaltação inicial vivenciada pelos veteranos da Segunda Guerra pode ser observada em uma reportagem do jornal *Correio do Povo*. Nesse editorial, o referido Jornal lançou uma campanha popular pró-construção de um monumento ao Expedicionário Brasileiro no Rio Grande do Sul. Em um dos trechos, leem-se os seguintes dizeres:

A fim de coordenar a campanha pró-monumento, o Correio do Povo convidará as principais entidades e os representantes dos órgãos civis e militares. Os respectivos representantes formaram uma comissão que terá amplas atribuições e dirigirá toda a campanha pró-monumento Expedicionário, assim como orientará e fiscalizará a construção do mesmo (CAMPANHA..., 1945, p. 12).

Entre os dias 12 de maio de 1945, data oficial do lançamento da Campanha Pró-Monumento ao Expedicionário, até o final do mês, mais quatro edições referem-se às adesões populares e voluntárias à Campanha.⁵ O Monumento ao Expedicionário foi inaugurado em 1957. “O arco do triunfo” fora o projeto de Antônio Caringi, vencedor de um concurso público para tal fim. Segundo as informações disponíveis no site da Câmara Municipal de Porto Alegre, o Rio Grande do Sul foi pioneiro em prestar esse tipo de homenagem aos Pracinhas (Figura 1).

Figura 1 – Monumento à Força Expedicionária Brasileira – Porto Alegre – RS



Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Monumento à Força Expedicionária Brasileira.** Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/60-anos-do-monumento-ao-expedicionario-sao-destacados-no-legislativo>. Acesso em: 23 set. 2017.

O problema é que toda a situação de reconhecimento inicial foi sendo perdida ao longo dos anos, devido ao contexto histórico dos períodos em que sua memória fora manipulada, enquadrada e esquecida. Soma-se a isso o descaso do governo que não lhes deu o devido valor e a própria sociedade civil que não se reconhecia/identificava com essa passagem histórica.

Outro lugar de memória dos combatentes brasileiros são as Associações de Veteranos da FEB. A partir dos estudos de Ferraz (2012), percebe-se que tais locais começaram a ser pensados ainda em solo italiano, porém sua efetivação ficou para quando os veteranos fossem desmobilizados no Brasil.

Depois das festas e comemorações de retorno, crescia a vontade de retornar às relações de amizade e fraternidade cultivadas durante o período de combate, entre os expedicionários. Além, disso, as queixas quanto aos problemas surgidos na reinserção social e profissional dos veteranos começaram a avolumar-se, e a ideia de

criar associações de ex-combatentes foi recuperada (FERRAZ, 2012, p. 212).

Em 1º de outubro de 1945, foi registrada a fundação da primeira Associação de Ex-Combatentes no Rio de Janeiro. Tratava-se da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB). Em 1963, surgiu o Clube de Veteranos da Campanha da Itália (AVFEB), porém, em 1969, seu nome foi substituído por “Associação Nacional dos Veteranos da FEB” (ANVFEB). Aos poucos, outras seções dessa última foram surgindo pelo País. Conforme o historiador Ferraz (2012), não houve cisão entre os dois grupos, mas colaboração mútua nas políticas de ambas as entidades. Outro detalhe importante na criação da (ANVFEB) diz que ela foi “[...] criada mais por oficiais da ativa e por poucos elementos que haviam ido para a Itália” (FERRAZ, 2012, p. 216).

A ANVFEB, com seção em Porto Alegre, foi um dos lugares escolhidos para este trabalho. A visita ao espaço ocorreu no dia 27 de maio de 2017. Essa associação está instalada no 3º Regimento de Porto Alegre. A partir das observações e fontes primárias do local, reuniram-se alguns dados. Primeiramente, a associação tem caráter privado e, assim, se mantém até hoje. Pela imagem da fachada (Figura 2), percebe-se que o espaço se localiza em uma edificação simples, carecendo, internamente, de cuidados e de valorização, pois o rico acervo disponível está sendo alvo do tempo e do esquecimento.

A situação é explicada, pois muitos dos veteranos que fundaram o local não se encontram mais entre nós, ou já estão com a saúde muito debilitada. Tomando por base a argumentação de Ferraz (2012), provavelmente os oficiais da ativa que auxiliaram no processo de construção do espaço também não possuem mais o interesse que tinham nos anos 60-70, pois essa memória emprestada não se enquadra mais nos dias atuais, assim como pontuou Tomaim (2011).

Verificaram-se, também, várias fotos da guerra, reportagens da época, pertences dos febianos, quadros, objetos e livros sobre a atuação dos soldados brasileiros. Além disso, há, no espaço, quatro volumes de livros que listam os mais de 25.000 soldados da FEB. Assim como na maioria das associações e do Museu da Força Expedicionária de Caxias do Sul – RS, há um local nos fundos para a realização de confraternizações, almoços e jantares com ex-combatentes e seus familiares.

Figura 2 – Fachada da ANVFEB – Porto Alegre – RS



Fonte: PIRES, J. E. S. **Associação Nacional dos Veteranos da FEB** – Seção Porto Alegre – RS: Fachada da ANVFEB – Porto Alegre/RS. 2017. Coleção particular.

Em outro momento, mais especificamente no dia 25 de março de 2017, também ocorreu a visita ao Museu da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na cidade de Caxias do Sul – RS (Figuras 3, 4, 6). Torna-se relevante salientar que o museu foi inaugurado, inicialmente, como uma seção regional da ANVFEB, ou seja, uma organização associativa privada, que passou a ter caráter público, após os anos 2000, com a colaboração da Prefeitura Municipal. O resultado alcançado a partir da visita foi equipará-lo ao da Associação de Porto Alegre. No local, identifica-se outra realidade: enquanto na Associação o acervo estava em situação mais precária; em Caxias, os itens expostos estavam bem-preservedos e organizados de maneira clara ao visitante.

O acervo do museu é composto por um mostruário com o roteiro da FEB, vitrinas expondo armas, petrechos bélicos, fardamentos, equipamentos, condecorações e objetos utilizados pelos expedicionários tanto da FEB quanto do 1º Grupo de Caça da FAB. A biblioteca, a exemplo da Associação de Porto Alegre, é franqueada ao público no horário de visitação ou marcação prévia, tanto para leitura quanto para pesquisa. Porém, também estava em condições inadequadas, carecendo de investimentos e cuidados especiais. Ainda sobre o Museu da FEB – Caxias do Sul – RS, possível elencar mais um fator de total relevância. Para tanto, a observação da Figura 3 é necessária.

Figura 3 – Abertura do Museu da Força Expedicionária Brasileira, em 1976, na rua Visconde de Pelotas, em Caxias do Sul



Fonte: MUSEU DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA. **Abertura do Museu da Força Expedicionária Brasileira.** Autor desconhecido. 1976.

É interessante perceber o período histórico no qual o museu foi inaugurado. Isso por que, conforme o argumento de Tomaim (2011), ele se enquadra no que se chamou de “memória emprestada”, de 1960-1970, quando os militares utilizaram da imagem dos febianos para enfatizar suas ações. Ao observar a imagem com mais cuidado, torna-se nítido o grupo majoritário de homens que, pelas características que compõem a fotografia, estão vinculados ao círculo militar. Se for concluído que o espaço tem por objetivo rememorar, divulgar e perpetuar a História da FEB e do 1º Grupo de Caça da FAB, logo se deveria presenciar mais civis em sua inauguração. Enfatiza-se, nesse momento, o caráter associativo entre os veteranos da FEB e os militares ativos do período militar brasileiro.

Conforme informações disponibilizadas pelo museu, em 2005, quando o mesmo passa a ter caráter público, foi iniciado o processo de modernização do espaço físico e museográfico que culminou com sua reinauguração em 14 de junho de 2007. A partir da Figura 4, percebe-se internamente o ambiente revitalizado do museu, bem diferente do que encontramos nos demais espaços, pois existe uma preocupação com a parte estética (iluminação e distribuição das peças museológicas). Sendo assim, o museu é criado no período denominado

de “memória emprestada”, mas é reinaugurado no período da “memória em combate”, ou seja, um período em que há um grande esforço para manter vivo esse fato histórico na memória da sociedade.

Figura 4 – Exposição do Acervo no Museu da Força Expedicionária Brasileira



Fonte: PIRES, J. E. S. **Museu da Força Expedicionária Brasileira:** Exposição do Acervo. 2017. Coleção particular.

A partir da imagem apresentada, percebe-se um quadro exposto à direita de quem entra no museu. Nele se observam fotos e a listagem dos 121 soldados e 12 civis, voluntários caxienses e da Região Nordeste do Rio Grande do Sul.

A seguir, apresenta-se outra iconografia, salvaguardada no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, também localizada em Caxias do Sul, onde se observam os Pracinhas sul-rio-grandenses que aparecem na Figura 4. O local da imagem é a praça Rui Barbosa (lembrando que a praça, antes da entrada do Brasil no conflito, chamava-se praça Italiana), hoje chama-se praça Dante Alighieri, em frente da Catedral de Santa Teresa, em Caxias do Sul.

Os Pracinhas que se apresentam (Figura 5), possivelmente, faziam parte do 9º Batalhão de Caçadores de Caxias – (BC), unidade que teria vindo de Pelotas

– RS e se instalado na cidade há pouco mais de uma década, especificamente no ano de 1927 (GOMES, 2007). Depois dessa apresentação (dezembro de 1944), embarcaram de trem até a cidade de Santa Maria e, dali, partiram para o Rio de Janeiro. Ao que tudo indica, esse contingente fez parte do apoio/depósito de pessoal da FEB, mais especificamente da unidade do 5º Escalão, que desembarcou na região de Staffoli, na Itália, em 22 de fevereiro de 1945 (MORAIS, 1947).

Figura 5 – Soldados de Caxias do Sul e Região Nordeste do Rio Grande do Sul na praça Rui Barbosa – Caxias do Sul



Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI.
Soldados e Voluntários de Caxias e Região Nordeste da Serra Gaúcha. 1944.
Coleção de Maximiano Zattera.

Segundo informações do Museu em Caxias do Sul, na parte de trás da igreja, foi construído um local para realizar a confraternização mensal dos ex-combatentes, no tradicional almoço da primeira quarta-feira do mês, reunindo amigos e familiares (isso quando o local possuía caráter associativo; ainda hoje se utiliza para esse fim, porém, com menos frequência). No subsolo, encontra-se um espaço de convivência denominado “Casamata do Pracinha”. Nesse local, fica o acervo documental da instituição. A Figura 6 ilustra a narrativa.

Figura 6 – Local construído nos fundos do museu para confraternização e “Casamata do Pracinha”



Fonte: PIRES, J. E. S. **Museu da Força Expedicionária Brasileira:** Local construído nos fundos do museu para confraternização e “Casamata do Pracinha”. 2017. Coleção particular.

Ao que se refere ao Monumento da FEB, construído na praça do Expedicionário, no Município gaúcho de Parobé, encontrou-se somente uma reportagem no jornal *RS 115*.⁷ No editorial do dia 12 de setembro de 1992, foi feita a inauguração da praça ocorrida no dia 5 de setembro de 1992, sendo a construção iniciada no ano de 1989. Não constam maiores informações sobre os agentes que teriam colaborado na efetivação do monumento. Porém, ao observar o ano de sua inauguração, bem como a imagem que representa o momento, traçam-se algumas análises. Para tanto, é oportuno destacá-las.

Figura 7 – Inauguração da praça do Expedicionário e do Monumento em homenagem à FEB em Parobé



Fonte: PAROBÉ ganha nova praça. **Jornal RS 115**, Igrejinha, p. 3, 12 set. 1992.

Inaugurada na década de 90, a praça do Expedicionário e o Monumento à FEB enquadram-se dentro da análise que o historiador Cássio dos Santos Tomaim (2011) faz acerca das fases de consolidação da memória da FEB. A representação da imagem apresentada está inserida no período que Tomaim (2011) destacou haver um olhar mais humanizado para os brasileiros que lutaram na Segunda Guerra. A própria imagem, diferentemente da iconografia de inauguração do Museu da FEB, em Caxias do Sul, apresenta, além dos grupos militares, uma parcela significativa de civis, o que faz enfatizar que o período ressignificou a representação dos soldados, embora, ainda hoje, sua memória esteja enquadrada em grupos específicos. Na sequência (Figura 8), mostra-se o Monumento em homenagem à FEB erguido na cidade de Parobé, no Rio Grande do Sul.

Figura 9 – Monumento em homenagem à Força Expedicionária Brasileira e placa, em Parobé – RS



Fonte: PIRES, J. E. S. **Praça do Expedicionário:** Monumento da Força Expedicionária Brasileira e placa – Parobé – RS, 2017. Coleção particular.

A partir das representações elencadas até o momento, enfatiza-se que “[...] museus, monumentos e associações são lugares de memória vivos, na luta de seus corpos e mentes envelhecidos e cansados, contra um processo de extinção lento que o tempo e o esquecimento estão promovendo, inapelavelmente” (FERRAZ,

2012, p. 217). A imagem representada através desses espaços, nos permitem ver o objeto ausente (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória. A exemplo da Associação de Veteranos com seção em Porto Alegre – RS e o Museu da FEB de Caxias do Sul – RS, com os respectivos acervos que constam nesses espaços, podemos destacar as contribuições do trabalho de Cristal Magalhães Rocha (2016). Focada na análise do patrimônio⁶ documental da Força Expedicionária Brasileira, a autora destaca que os objetos e documentos nesses espaços surgem com o objetivo de serem úteis, e seu acúmulo é revelador da identidade de um grupo.

Considerações finais

A representação dos soldados febianos sofreu variações e conformidades dependendo do período histórico em que o Brasil se encontrava. A partir da análise do historiador Tomaim (2011), cruzando informações das fontes primárias e secundárias utilizadas para o trabalho, corroborou-se a análise do historiador sobre as diferenças na forma de se perceber a FEB no decorrer dos anos, embora se tenha relativizado a divisão estática e linear feita por Tomaim (2011).

No pós-guerra e, conseqüentemente, com o retorno dos Pracinhas, houve muita comemoração no País. O Estado do Rio Grande do Sul, através da iniciativa privada (jornal *Correio do Povo*) e pública (participação da sociedade rio-grandense), foi responsável pelo pioneirismo na construção de um Monumento em Homenagem à FEB. “O Arco do Triunfo”, inaugurado em 1957, no Parque Farroupilha (Redenção), em Porto Alegre – RS.

Na década de 60-70, uma imagem heroica dos Pracinhas passou a ser vinculada a grupos da Ditadura Militar, um período que o historiador Tomaim (2011) chamou de memória emprestada. Os militares utilizaram a imagem dos soldados que lutaram contra o nazifascismo às causas e aspirações da Ditadura na luta contra o comunismo. A exemplo disso, a iconografia, apontando a inauguração do Museu da FEB, em Caxias do Sul/RS, exemplifica o momento, já que, na análise realizada, percebe-se o grupo majoritário de militares compondo a fotografia.

Após a terceira fase da representação dos soldados, ou o que Tomaim (2011) chamou de fase atacada, visto que, com o processo de redemocratização do Brasil, muitos agentes sociais, ao infringirem seus protestos contra as forças militares, acabaram afetando a imagem da FEB, tem-se a fase de combate. Aos poucos, a representação do Pracinha brasileiro passou por um revisionismo,

focalizando muito mais nas experiências humanas de cada combatente. A esse exemplo, tem-se a própria construção do Monumento em Homenagem à FEB, na Praça do Expedicionário em Parobé/RS. A partir da imagem que mostra sua inauguração, observa-se que, aos poucos, houve um interesse por parte da sociedade civil pela história dos Pracinhas, assim como, uma quantidade maior de estudos sobre a temática.

A revitalização do Museu da FEB de Caxias do Sul – RS, no início dos anos 2000, também mostra essa fase de luta permanente da memória dos soldados brasileiros. Seu caráter privado, iniciado nos anos 70, modifica-se para um espaço público na transição do século XX para o XXI, quando é perceptível o empenho pela ressignificação e perpetuação da identidade do grupo. Destaca-se que, reconhecer a existência de determinado contexto histórico ou mesmo ter a percepção que tal narrativa representa um grupo, nesse caso, a participação de tantos brasileiros na Segunda Guerra é importante para nossa história. Por outro lado, isso não significa que a instituição militar deva fugir do campo da Segurança e Defesa Nacional (que é sua verdadeira atribuição. Precisamos ter em mente que, nos dias atuais, não se deve utilizar dos mesmos argumentos dos anos 60-70, “memória emprestada”, para se impor no campo político. Estudar a FEB e sua memória está dentro do contexto democrático e não tem relação com o desejo de alguns pela volta de regimes ditatoriais/militares. Precisa-se ter cuidado, pois a democracia é uma consolidação constante, e conhecer a contribuição dos nossos Pracinhas que lutaram na Segunda Guerra Mundial é de suma importância.

A memória da FEB foi “enquadrada”, “emprestada”, “atacada” e, atualmente, encontra-se “em combate” contra o esquecimento. Embora tenha se ampliado o interesse por estudos relativos à atuação dos brasileiros na Segunda Guerra, ainda se engatinha no processo de democratização dessa passagem histórica, bem como nos mostra um recorte histórico passível de muitos estudos e desdobramentos.

Referências

- ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI. **Soldados e Voluntários de Caxias e Região Nordeste da Serra Gaúcha**. 1944. Coleção de Maximiano Zattera.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Monumento Força Expedicionária Brasileira**. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/60-anos-do-monumento-ao-expedicionario-sao-destacados-no-legislativo>. Acesso em: 23 set. 2017.
- CAMPANHA pró-monumento ao Expedicionário. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 12, 12 maio 1945.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012.
- GOMES, Fabrício Romani. Associativismo negro em Caxias do Sul. *In*: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/fabricio%20romani%20gomes.pdf>. Acesso em: 6 set. 2017.
- JUSTO, Alarípio. **A história de um Pracinha**. Porto Alegre: Evangraf, 2004.
- LUCA, Tânia Regina de. História *dos, nos* e por meio de periódicos. *In*: PINKSY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-153.
- MORAIS, J. B. Mascarenhas de. **Memórias/Marechal J. B. Mascarenhas de Moraes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1947.
- MUSEU da Força Expedicionária Brasileira. **Abertura do Museu da Força Expedicionária Brasileira**, 1976.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. Trad. de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, p. 7-28, 1993.

- PAIVA, Eduardo França. História e imagens. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PAROBÉ ganha nova praça. **RS 115**, Igrejinha, p. 3, 12 set. 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PIRES, J. E. S. **Associação Nacional dos Veteranos da FEB** – Seção Porto Alegre/RS: Fachada da ANVFEB-Porto Alegre. 2017. Coleção particular.
- PIRES, J. E. S. **Museu da Força Expedicionária Brasileira**: exposição do Acervo. 2017. Coleção particular.
- PIRES, J. E. S. **Museu da Força Expedicionária Brasileira**: local construído nos fundos do museu para confraternização e “Casamata do Pracinha”. 2017. Coleção particular.
- PIRES, J. E. S. **Praça do Expedicionário**: monumento da Força Expedicionária Brasileira e placa, Parobé – RS. 2017. Coleção particular.
- ROCHA, Cristal Magalhães. **Força Expedicionária Brasileira e seu lugar no patrimônio documental brasileiro**: identificando arquivos. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TOMAIM, Cássio dos Santos. Documentário e a memória do Brasil na Segunda Guerra Mundial. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais** [...], São Paulo: USP, 2011. p. 1-16.

Notas

1. Conforme Sandra Jatahy Pesavento: “A presença da História cultural assinala, pois, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão. Pode-se mesmo aventar que a História tenha sido uma das últimas ciências humanas a enfrentar essa revisão de pressupostos explicativos da realidade. Mas, quando realizou essa tarefa, produziu mais alarde e contestação. Mais críticas e ataques, de alas de órfãos ou ressentidos, que se julgam abandonados pela Musa, seduzida por uma nova moda.” (PESAVENTO, 2005, p. 16).

2 Segundo Luca (2010), os jornais como fonte de pesquisa histórica pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de muitos interesses. Foi somente nas décadas finais do século XX, que a utilização dos periódicos passou por alterações, tornando-se um documento-fonte.

3. A “Batalha de Monte Castello” foi travada ao final da Segunda Guerra Mundial, entre as tropas aliadas e as forças do Exército alemão, que tentavam conter seu avanço ao Norte da

Itália. A batalha marcou a presença da Força Expedicionária Brasileira (FEB) no conflito.

4. *Pracinha* é um termo referente aos soldados veteranos do Exército Brasileiro que foram enviados para integrar as forças aliadas contra as forças do Eixo na Segunda Guerra Mundial

5. *CORREIO DO POVO*, dias 25, 27, 30 e 31 de maio de 1945.

6. Segundo Cristal Magalhães Rocha (2016), não há um conceito que defina pontualmente o que é patrimônio, podendo ser mais bem-apresentado e compreendido, próximo ao entendimento dos conceitos de memória e identidade social [...]. Fala-se, então, de Patrimônio Histórico, Patrimônio Cultural, sendo esse, ainda, dividido em Patrimônio Material e Imaterial (ROCHA, 2016, p. 69).

7. O *Jornal RS 115* tem sua sede na cidade de Igrejinha, tendo sido fundado na década de 90.